



EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTOALEGRENSE

INVENTÁRIO E DOCUMENTAÇÃO

Silvio Belmonte de Abreu Filho

Doutor, professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PROPAR/UFRGS
silvio.abreu.arq@gmail.com

Angela Cristiane Fagundes

Mestranda do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PROPAR/UFRGS
angelacristianefagundes@hotmail.com

Maitê Trojahn Oliveira

Mestranda do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PROPAR/UFRGS
maite_trojahn@hotmail.com

Resumo:

O tema deste artigo é a arquitetura moderna no Rio Grande do Sul com enfoque na produção arquitetônica do arquiteto Emil Bered. O objetivo da investigação é relacionar, documentar e analisar uma amostra da obra de habitação coletiva, produzindo um registro sistemático do seu trabalho em Porto Alegre antes e depois do plano diretor de 1959/61 e identificando influências e contribuições para a construção de uma identidade moderna na arquitetura gaúcha. O artigo apresenta um recorte e alguns resultados preliminares do Projeto de Pesquisa EMIL BERED ARQUITETO em andamento, que se propõe um inventário da obra completa do arquiteto, reunindo sua documentação original, redesenhada integralmente, a fortuna crítica e análises crítico-comparativas, e de dois projetos de pesquisa de mestrado correlatos. Para a seleção observou-se as publicações disponíveis, nas quais constam uma série de obras de Emil Bered, porém ainda com lacunas a serem preenchidas. Do ponto de vista analítico, o artigo tem foco nas estratégias de projeto e no repertório de elementos de arquitetura e de composição utilizados pelo arquiteto em seus projetos, antes e depois do Plano Diretor de 1959-61. Sendo assim, os edifícios foram selecionados levando em consideração a qualidade e representatividade dentro do recorte, as situações de implantação (esquina e meio de quadra), a utilização diferenciada de elementos de arquitetura e de composição, e a oportunidade de apresentar material documental inédito.

Palavras-chave: Arquitetura e documentação; Arquitetura moderna no RS; Arquiteto Emil Bered.



Abstract:

The subject of this article is the modern architecture in Rio Grande do Sul, focusing on the architectural production of architect Emil Bered. The aim of the investigation is to relate, document and analyze a sample of collective housing work, producing a systematic record of his work in Porto Alegre before and after the 1959/61 master plan and identifying influences and contributions to the construction of a modern identity in local architecture. The article presents a clipping and some preliminary results of the ongoing EMIL BERED ARCHITECT Research Project, which proposes an inventory of the architect's complete work, gathering his original, completely redesigned documentation, critical fortune and critical-comparative analysis, and two related master research projects. The selection has considered available publications, which contain an extended number of works by Emil Bered, but with remaining gaps to be filled. From an analytical point of view, the article focuses on design strategies and the repertoire of architectural and compositional elements used by the architect in his projects, before and after the 1959-61 Master Plan. Thus, the buildings were selected taking into consideration the quality and representativeness in the work cut, the urban site situations (corner and middle block), the differentiated use of architectural and composition elements, and the opportunity to present unpublished documentary material.

Keywords: *Architecture and documentation; modern architecture in RS; Architect Emil Bered*



EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTOALEGRENSE

Inventário e Documentação

O tema deste artigo é a arquitetura moderna gaúcha com enfoque na produção arquitetônica do arquiteto Emil Achutti Bered. O objetivo desta investigação é relacionar, documentar e analisar uma amostra da obra de habitação coletiva, produzindo um registro sistemático do seu trabalho antes e depois do plano diretor de 1959/61 e identificar influências e contribuições para a construção de uma identidade moderna na arquitetura gaúcha. O artigo apresenta um recorte e alguns resultados preliminares do Projeto de Pesquisa EMIL BERED ARQUITETO¹ em andamento, que se propõe um inventário da obra completa do arquiteto, reunindo sua documentação original, redesenhada integralmente, a fortuna crítica e análises crítico-comparativas, e de dois projetos de pesquisa de mestrado² correlatos.

A trajetória profissional de Emil Achutti Bered cobre quase toda a segunda metade do século XX, em contribuição de reconhecida relevância para a introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna no estado. Além da extensa e qualificada produção projetual desde a formatura na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1949, Bered teve atuação destacada no ensino e gestão acadêmica na nova Faculdade de Arquitetura da URGs (depois UFRGS) por mais de 30 anos, e significativa participação nos órgãos profissionais e de classe. A qualidade e relevância de sua produção arquitetônica é reconhecida nos estudos da arquitetura moderna gaúcha: em “Arquitetura Moderna em Porto Alegre”³, principal obra de referência sobre a arquitetura moderna local, das 160 obras selecionadas e apresentadas, 10 são de sua autoria ou contam com sua participação. No “Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre”⁴, das 30 obras escolhidas, quatro são de sua autoria ou coautoria, e no mais recente “Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65”⁵ dos 25 exemplos escolhidos, Emil Achutti Bered comparece com sete em autoria ou coautoria, quase 30% da amostragem, indicativo da relevância e representatividade da sua atuação profissional e papel na arquitetura moderna em Porto Alegre.

Apesar disso, as publicações disponíveis não abordam sua obra na totalidade: encontramos apenas estudos documentais e/ou teóricos que enfocam alguns de seus edifícios, ou parte de sua produção, que apresenta a relação completa das obras de edifícios de apartamentos, cujo a maioria ainda não estão publicados, apenas disponíveis nos arquivos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O Projeto de Pesquisa pretende preencher esta lacuna, ao

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido pelo professor do PROPARG/UFRGS Silvio Belmonte de Abreu Filho.

² Pesquisa desenvolvida pelas mestrandas Angela Cristiane Fagundes, junto ao PROPARG/UFRGS denominada Edifícios de apartamentos na obra de Emil Bered: estudo dos planos urbanos na radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre/RS e Maitê Trojahn Oliveira, junto ao PROPARG/UFRGS, denominada Arquitetura Moderna e Verticalização: habitação coletiva em altura no eixo centro-sul de Porto Alegre/RS, ambas com bolsa auxílio CAPES.

³ XAVIER, Alberto (org.). Arquitetura moderna brasileira - Depoimentos de uma geração. São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.

⁴ ALMEIDA, Guilherme Essevein de; ALMEIDA, João Gallo de; BUENO, Marcos. Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

⁵ COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.



produzir um inventário documentando o extenso conjunto de sua obra completa e correspondente fortuna crítica, e analisando sua contribuição para a arquitetura moderna gaúcha.

Os objetivos gerais da pesquisa, que balizam o artigo, são contribuir para o conhecimento da arquitetura moderna no contexto brasileiro e local do pós-guerra aos anos oitenta, através do estudo da obra de um de seus mais destacados arquitetos; coletar, documentar e organizar a obra completa de um arquiteto exemplar da modernidade, contribuindo para a constituição de seu inventário e acervo; e empreender a análise do processo de geração dos projetos, os elementos de composição e de arquitetura utilizados, as circunstâncias de contexto, legislação e encargo, e as relações com o desenvolvimento dos paradigmas disciplinares, contribuindo para o aprofundamento de um quadro de referência teórico, em suas dimensões críticas e historiográficas, pertinente ao tema e período em estudo. Os objetivos específicos são discutir a difusão e o desenvolvimento da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul através de “estudos de caso”, estudos em profundidade de projetos exemplares específicos identificados segundo os parâmetros analíticos descritos; e contribuir para o conhecimento detalhado das obras de arquitetura moderna gaúcha, através de sua remontagem e análise sistemática, incluindo reorganização de documentação gráfica, descrição e interpretação crítica de seus aspectos urbanos, programáticos, tipológicos e formais.

Neste artigo optou-se por um recorte tipológico específico, para documentação e análise crítico-comparativa de estudos de casos de habitação coletiva (edifícios de apartamentos) de autoria de Emil Achutti Bered, na cidade de Porto Alegre. Em função da sua importância na introdução e difusão da arquitetura moderna brasileira no sul, e relevância da documentação e análise de sua obra para a Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul, adotou-se um recorte temporal em duas etapas de desenvolvimento do movimento moderno, período inicial 40-60 e período de hegemonia com o Plano Diretor de 1959-61 (60-80). Os recortes se justificam pela produção do arquiteto no período se orientar por duas visões quase opostas de cidade, uma baseada na inserção de exemplares de arquitetura moderna na cidade tradicional, com a construção baseada no regime de alinhamento/gabarito, rua-corredor e quarteirão periférico, e outra baseada em uma nova espacialidade, de caráter fundamentalmente moderno, do edifício isolado e do quarteirão aberto.

A tabela a seguir apresenta uma relação dos edifícios de apartamentos produzidos por Bered na cidade de Porto Alegre com as respectivas publicações, quando houve. Os edifícios em destaque correspondem ao recorte para este estudo.

EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 1º PERÍODO – ATÉ 1960			
Edifício Dante D'Angelo	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1952	PMPA 39258 FILME 248-1952 (WEIMER, p.132)
Edifício Jeronimo D'ornellas	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1952	PMPA 41056 FILME 248-1952 (WEIMER, p.132)



Edifício Link	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1952	PMPA 37014 FILME 290-1954 (WEIMER, p.150). STROHER p.73-75 (Localização e foto P&B p.73, Fachada, setor de PB e foto P&B p.74, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.75)
Edifício Santa Terezinha	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1953	PMPA 9991 FILME 256-1953 (WEIMER, p.135). STROHER p.79-81 (Localização e 3 fotos P&B p.79, Fachadas p.80, Plantas Baixas Térreo e Tipo e Setor de Planta p.81)
Edifício Treiguer & Wladimirski	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1953	PMPA 39258 FILME 248-1952 (WEIMER, p.132)
Edifício Treiguer & Wladimirski II	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin.	1953	PMPA 42261 FILME 270-1953 (WEIMER, p.142)
Edifício de Aptos	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1953	PMPA 49697 FILME 273-1953 (WEIMER, p.144)
Edifício Amazonas	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1953	PMPA 49216 FILME 273-1953 (WEIMER, p.144). STROHER, p. 82-84 (Localização e 2 fotos P&B p.82, Fachada p.83, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.84)
Edifício Irany Santana	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1954	PMPA 46326 FILME 293-1954 (WEIMER, p.151)
Edifício Redenção	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1954	PMPA 21104 FILME 283-1954 (WEIMER, p.147). STROHER, p.76-78 (Localização e Fachadas p.76, 2 fotos P&B p.77, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.78)
Edifício De Aptos	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1955	PMPA 22144 FILME 301-1955 (WEIMER, p.154)
Edifício Buchabqui	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1955	PMPA 01488 FILME 314-1955/56 (WEIMER, p.158).
Edifício Los Angeles	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1956	PMPA 06472 FILME 317-1956 (WEIMER, p.160)
Edifício Prates De Araújo	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1956	PMPA 32922 FILME 330-1957 (WEIMER, p.163)
Edifício Noemi	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1956	PMPA 31429 FILME 349-1957 (WEIMER, p.170)
Edifício Capri	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1956	PMPA 48454 FILME 351-1957 (WEIMER, p.172)
Solar Pinto Bandeira	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1956	PMPA 31321 FILME 329-1956 (WEIMER, p.163)
Edifício Pennsylvania	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 42877 FILME 350-1957 (WEIMER, p.171) FILME 351 – 1957



			(p.172)
Edifício Nogarô	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 59112 FILME 354-1957 (WEIMER, p.173)
Edifício Rio Grande Do Sul	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	STROHER p.85-88 (Terraço p.71, Localização e 2 fotos P&B p.85, Foto P&B e Fachada p.86, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.87)
Edifício Artigas	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 50882 FILME 352-1957 (WEIMER, p.172)
Edifício Biarritz	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 51135 FILME 352-1957 (WEIMER, p.172)
Edifício Nilza Esther	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 52365 FILME 352-1957 (WEIMER, p.172)
Edifício Nevada	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 61145 FILME 355-1957 (WEIMER, p.174)
Edifício Detroit	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	PMPA 62939 FILME 355-1957 (WEIMER, p.174)
Edifício Porto Alegre	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1958	STROHER p.89-92 (Localização e foto P&B p.89, Foto P&B e Fachada p.90, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.91)
Edifício Paineiras	Emil Achutti Bered	1959	STROHER, p. 93-96 (Localização e 2 fotos P&B p.93, Fachada e 2 fotos P&B p.94, Planta Baixa e Perspectiva Anteprojeto p.95, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.96)
EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 2º PERÍODO – APÓS 1960			
Edifício Faial	Emil Achutti Bered	1962	
Edifício Christofell	Emil Achutti Bered	1962	XAVIER e MIZOGUCHI p.176-177. 2 Fotos P&B (p.176), PLANTA PAV. TIPO e Foto P&B detalhe (p.177). LUCCAS, 2004, p. 219 FIG 27 (p.220). Medalha de bronze na categoria edificação residencial no II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul, realizado em 1962
Edifício Novo Parque	Emil Achutti Bered e Artur Bered	1964	
Edifício Sinuelo	Emil Achutti Bered	1967	
Edifício São Clemente	Emil Achutti Bered	1968	
Edifício Condado de Luzerne	Emil Achutti Bered	1973	

			
<p>13º Seminário do_c_o, mo, mo_ brasil</p>		<p>Salvador – BA 7 a 10 de outubro de 2019</p>	
Edifício Nirvana	Emil Achutti Bered e José Antonio Vieira	1983	

Tabela 1: Tabela dos edifícios de apartamentos de acordo com a data de projeto
Fonte: Produzida pelos autores

Para a seleção observou-se as publicações disponíveis, especialmente as três citadas inicialmente, e a dissertação de mestrado de Eneida Ripoll Ströher “A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre”⁶, nas quais constam uma série de obras de Bered, porém ainda com lacunas a serem preenchidas. Do ponto de vista analítico, o artigo tem foco nas estratégias de projeto e no repertório de elementos de arquitetura e de composição utilizados pelo arquiteto em seus projetos, antes e depois do Plano Diretor de 1959-61. Sendo assim, os edifícios foram selecionados levando em consideração a qualidade e representatividade dentro do recorte, as situações de implantação (esquina e meio de quadra), a utilização diferenciada de elementos de arquitetura e de composição, e a oportunidade de apresentar material documental inédito.

Dito isso, os edifícios selecionados para esse artigo são: do primeiro período: Edifício Link, Edifício Redenção, Edifício Esther; e do segundo período: Edifício Christofell, Edifício Novo Parque, Edifício Sinuelo.

Nascido em Santa Maria (RS) em 1926, Emil Achutti Bered ingressou na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1946, formou-se em 1949 e iniciou imediatamente sua vida profissional em Porto Alegre. Projetou muito intensamente na década de 50, em parceria com seus colegas Salomão Kruchin e Roberto Félix Veronese.

Porto Alegre passava por um processo de expansão metropolitana em pleno desenvolvimento, com forte ritmo de densificação e verticalização das áreas mais centrais. A década de 50 foi a de maior crescimento demográfico desde os anos 1900-1910 (numa média de quase 5% ao ano), passando de cerca de 395.000 habitantes em 1950 a 635.000 em 1960. Foi também a década em que mais se construiu em Porto Alegre, em um vigoroso boom imobiliário.

A legislação que regulava essa expansão era baseada no alinhamento e no gabarito, com alturas proporcionais à largura da via, mantidas e atualizadas desde o final do século XIX e transformadas em uma “Lei de Alinhamentos” em 1943. Eles permitiram a gradual ocupação das vias radiais e perimetrais previstas pelo Plano de Urbanização de Arnaldo Gladosch na administração Loureiro da Silva, e a introdução de alguns dispositivos morfológicos sugeridos por ele, como as arcadas (chamadas “galerias”) no centro, o pilotis alto ou colunata de dupla altura nos térreos dos edifícios nas avenidas principais, e os recuos de jardim de 4 metros aplicados em quase toda a área urbana.

Pouco depois, a Lei nº 986/1952 mantinha a aplicação do critério de uma vez e meia a largura da rua para toda a cidade, e permitia duas vezes para a área central, mas com uma

⁶ STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 1997.



inovação introduzindo o escalonamento da altura no centro. A partir do dispositivo de escalonamento, foi possível aprovar no centro da cidade edifícios, na prática, sem limite de altura. Além das disposições sobre a altura, a Lei estabelece condicionantes específicos sobre a distribuição e a configuração de compartimentos e espaços internos e externos dos edifícios, determinantes para a sua volumetria, tratando das áreas de ventilação e insolação e dos balanços sobre a área pública, de forma bastante precisa. Ao permitir uma área suplementar com seus parâmetros de utilização, a legislação torna-se responsável, na prática, pela definição da forma externa dos edifícios, delineando seus perímetros, como podemos observar nos edifícios analisados.

A seguir, a Lei nº 1167/1953 limitava a altura dos prédios a três pavimentos a partir da zona pericentral que atingia a atual Segunda Perimetral (excetuando trechos de radiais, com alturas maiores permitidas até os limites da atual Terceira Perimetral), numa reserva de mercado para pequenos edifícios residenciais sem elevador visando atender a demanda de pequena burguesia nos bairros.

Foram essas regras e dispositivos simples que orientaram a cidade num período de extraordinário crescimento e metropolização. O processo contou com a adesão entusiasmada dos agentes do mercado imobiliário e da indústria da construção, com grande inversão de capitais, através de novas modalidades como fundos de investimento e participação, sociedades de crédito imobiliário como o Banco Lar Brasileiro, e companhias abertas. Foi acompanhado de um processo acelerado de modernização e concentração do capital no setor da construção, com a emergência do incorporador imobiliário, agente promotor de um novo produto, o apartamento em condomínio, para atender as necessidades e expectativas da clientela, basicamente a nova classe média urbana.

O processo se dá com empresas construtoras e incorporadoras de natureza “moderna”, algumas atuando desde os anos 20 e 30, como a Azevedo, Moura e Gertum, outras mais recentes como a Azevedo Bastian e Castilhos (ABC), Pilla Guarita e Mello Pedreira, dentro de novas condições de produção, introduzindo e divulgando tecnologias de ponta nas áreas de estruturas, instalações, esquadrias, materiais e revestimentos, e atentas aos novos padrões de consumo urbano. Para isso, utilizaram arquitetos de prática igualmente “moderna”, profissionais inicialmente formados pela Escola Nacional de Belas Artes, como Holanda Mendonça e Edgar Graeff, ou estrangeiros (como Roman Fresnedo Siri), depois recém-egressos dos cursos de Arquitetura locais, como Bered e seus parceiros.

Nos bairros residenciais a expansão se dá com tipologias de baixa ou média altura e densidade, unifamiliares ou coletivas; nas áreas de maior valorização ela ocorre fundamentalmente através da inserção de edifícios altos no espaço urbano da cidade tradicional, que nos anos 50 passam a ter características claramente modernas, hegemônicas ao final da década. A tendência dominante de verticalização da cidade iniciada no Centro na década anterior, estende-se pelas principais radiais, como as avenidas Independência/24 de Outubro, João Pessoa, Osvaldo Aranha/Protásio Alves, e trechos de perimetrais como a Avenida Venâncio Aires e as ruas da República e Ramiro Barcelos. Emil Achutti Bered projetou em todas elas.

Coerente com o modelo de implantação tradicional, os terrenos de esquina vão ser privilegiados nos empreendimentos, aproveitando a vantagem de maior perímetro de frente



para orientação das peças principais. Nas esquinas, as implantações tendiam ao “L”. Em terrenos de meio de quadra, os partidos podiam assumir configurações em “I”, “T”, “H”, combinações destas, ou disposições longitudinais em “pente” nos terrenos mais profundos. As regras do jogo, com a obediência ao gabarito e ao alinhamento (ou ao recuo de jardim), estão presentes em todos os exemplos dessa fase.

A pesquisa nos arquivos da Prefeitura Municipal, complementada pelos arquivos pessoais do escritório do arquiteto e em revisão bibliográfica, permitiram identificar o projeto de 27 edifícios residenciais no período da formatura até o Plano de 1959, 26 deles em parceria com Salomão Kruchin e muitos com Roberto Félix Veronese, ambos seus colegas de turma.

Edifício Linck (1952)

Localizado ao final de uma pequena travessa em “cul-de-sac” paralela à prestigiosa Praça Júlio de Castilhos, o Edifício Linck foi o primeiro encargo de porte da equipe formada por Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese. O terreno generoso, com frente norte e declive em relação ao “cul-de-sac”, propiciou um edifício composto de Subsolo, Térreo e oito pavimentos-tipo com dois confortáveis apartamentos de 220 m² por pavimento e um apartamento térreo aproveitando o declive. De propriedade de uma Sociedade Limitada (Edifício Linck Ltda.), a incorporação e construção esteve a cargo da Construtora Mello Pedreira.

O partido adotado foi dispor em dois corpos transversais ocupando toda a largura do terreno duas prumadas de apartamentos por andar em placas paralelas unidas por um elemento de circulação vertical que incorpora algumas peças de serviço, numa planta baixa em forma de “H”. Os dois corpos são praticamente simétricos, com dependências principais – salas e três dormitórios – para frente e fundos e dependências de serviço para duas áreas internas de iluminação. Os apartamentos de fundos têm a orientação sul compensada pela vista da vertente sul do espigão da Av. Independência e vale do Riacho, até o Guaíba a sudeste.

A composição formal do edifício define um corpo de volume opaco perfurado por aberturas apoiado sobre uma base em pilotis frontal em primeiro plano com os acessos, e um fundo com dependências condominiais e o apartamento térreo. A fachada frontal principal é tratada em grelha horizontal com plano ressaltado em relação às paredes laterais da divisa, formando uma caixa saliente de fatias definidas pelas linhas das lajes e balcões. A estratégia atende à necessidade de proteção solar da orientação norte com um plano virtual de diferentes profundidades que permite localizar balcões junto a salas e dormitório principal e peitoris simples alocando mais superfície aos outros dois dormitórios. Luccas⁷ nota que a solução, “de linhas horizontais predominantes, foi resolvida de forma atípica, afastando-se do precedente da grelha ortogonal presente na Arquitetura Moderna brasileira de vertente corbusiana”, associando o arranjo com predomínio de linhas horizontais a antecedentes como a composição frontal do Banco Boa Vista (1946) de Niemeyer. Ströher⁸ aponta certa ambiguidade na expressão formal das funções, com o balcão frontal das salas e dormitório

⁷ LUCCAS, Luís H. Haas. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do “gênio artístico nacional”*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2004.

⁸ Ver nota 6, p. 74.



principal com acabamento em gradil metálico, e os outros dois dormitórios em peitoril de volume avançado marcado por revestimento em cor marrom. No bloco dos fundos, são eliminados os balcões.

No espaço correspondente ao apartamento de frente, o térreo recebe uma área coberta em pilotis de cinco vãos por dois intercolúnios de profundidade, com sinuoso desenho de jardineiras que se estendem para o interior formando um jardim em área interna aberta, com acessos laterais para garagem, escada de acesso a hall e portaria e um depósito cuja parede serve de fundo para um painel de pastilhas vitrificadas de Saulo Gomes marcando a entrada, seguindo a tendência contemporânea de “integração das artes” à Arquitetura Moderna brasileira iniciada no Ministério da Educação e Saúde (1936).



Figura 1: Edifício Linck, 2019.

Fonte: Imagem produzida pelos autores



- | | |
|---------------------|------------------------------|
| 1 - SALA DE ESTAR | 8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 2 - SALA DE JANTAR | 9 - GABINETE |
| 3 - DORMITÓRIO | 10 - HALL |
| 4 - CLOSET | 11 - ÁREA COMUM |
| 5 - BANHO | 12 - HALL SOCIAL |
| 6 - COZINHA | 13 - PORTARIA |
| 7 - ÁREA DE SERVIÇO | 14 - DEPÓSITO |

Figura 2: Planta baixa do térreo, Edifício Linck.

Fonte: Redesenho produzido pelos autores



EDIFÍCIO LINK
PLANTA TIPO

1m 5m

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1 - SALA DE ESTAR | 6 - COZINHA |
| 2 - SALA DE JANTAR | 7 - ÁREA DE SERVIÇO |
| 3 - DORMITÓRIO | 8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 4 - CLOSET | 9 - GABINETE |
| 5 - BANHO | 10 - HALL |

Figura 3: Planta tipo, Edifício Link.

Fonte: Redesenho produzido pelos autores

Edifício Redenção (1955)

Em um lote de esquina frente ao Parque Farroupilha (conhecido como Redenção), o Edifício Redenção foi uma incorporação pioneira do Banco Lar Brasileiro, com construção dos próprios arquitetos. A posição de esquina propiciou um partido compacto em formato de “L” com uma área interna aberta, fiel à morfologia do quarteirão periférico tradicional. A necessidade de estacionamentos no terreno exíguo e plano em área de várzea foi utilizada engenhosamente com a elevação do térreo em relação ao passeio, conferindo privacidade ao ambiente, um pódio para o pilotis de ingresso e acomodação para garagem no semi-subsolo.

O volume resulta numa falsa “caixa” compositiva corbusiana de nove pavimentos sobre o pilotis elevado, com duas fachadas para a via pública. Visualmente, assemelha-se a uma barra alinhada sobre a Rua da República, mas com a inversão da empena principal em operação que remete à empena sul da Unité de Marselha. A fachada menor (Av. João Pessoa) tem orientação nordeste, a maior (Rua da República) sudeste, e o partido distributivo reconhece essa circunstância organizando três apartamentos de três dormitórios por pavimento, com acesso social e de serviços independentes pelo emprego de três elevadores. Pequeno balanço sobre o passeio em 2/3 da testada da Rua da República, facultado pela legislação da época, marca o acesso principal e propicia a definição de três superfícies exteriores do volume edificado que demarcam os apartamentos do tipo: um voltado para a Av. João Pessoa, um no volume saliente e outro no recuado da Rua da República. Nos dois apartamentos de esquina, salas e dormitórios voltam-se para as vias públicas, correspondentes a quatro vãos em um e cinco vãos no outro, e as demais peças para área interna ou faixa livre na divisa do lote; o terceiro apartamento tem sala e dois dormitórios para a rua, correspondentes a três vãos, e um dormitório voltado para o interior.



No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por grelha quadrangular definida pela divisão interna das peças principais e pelas lajes de entrepiso, com cadência modulada por retângulos coloridos em baixo relevo sob os peitoris. Associada a um tabuleiro de xadrez onde marcações diferenciadas formam um jogo de saliências, cores e texturas no reboco, Ströher⁹ vê três regras diferentes em três setores do edifício: “na fachada da Rua da República, além da facha lateral lisa, duas soluções, na da Av. João Pessoa outra, guardando elas entre si elementos moduladores de referência”. Para Luccas¹⁰, sem dispor do sombreamento produzido por varandas, sacadas ou grelhas, neste caso a “renda perfurada de outras ocasiões resumiu-se a um “bordado” aplicado, explorando o efeito ótico de recursos geométricos tipicamente construtivos.” Ele nota que as persianas de madeira ejetáveis contribuem para o condicionamento dos cômodos, produzindo um relevo do qual a fachada se ressent, e conclui que “o corpo maciço do edifício contrasta com a base porosa, e o efeito plástico final foi sóbrio e satisfatório”. Para os próprios arquitetos, “o tratamento das fachadas foi (...) “objeto de um certo formalismo”, em virtude da singeleza e limitação a que se viram condicionados, especialmente quanto à impossibilidade de uso de sacadas, onde a manipulação plástica teria ganho maior força”¹¹.

Os elementos de arquitetura estão claramente definidos no térreo, com uma mureta de pedra que contorna parte do edifício, os pilotis altos, as esquadrias de fechamento do hall, um painel de cerâmica que marca a transição da área social para a entrada de serviço, e a esquadria da loja justapondo-se até a divisa lateral. Seu maior valor está na bela solução do pilotis no térreo elevado, “como uma varanda que se abre para o parque, em estreita relação com os edifícios projetados por Lúcio Costa para o Parque Guinle no Rio de Janeiro”¹².



Figura 4: Edifício Redenção, 2019.
Fonte: Imagem produzida pelos autores

⁹ Ver nota 6, p. 76.

¹⁰ Ver nota 7, p. 160.

¹¹ Ver nota 3, p. 123.

¹² Ver nota 4, p. 38.

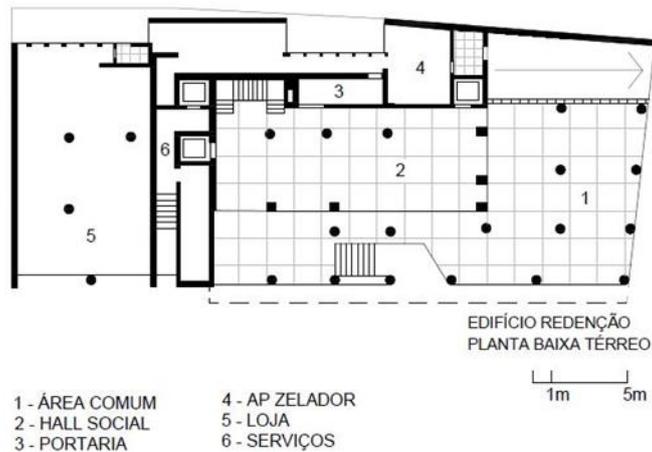


Figura 5: Planta baixa do térreo, Redenção.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores



Figura 6: Planta tipo, Redenção.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores

Edifício Nilza Esther (1957)

O edifício Nilza Esther foi projetado pela equipe composta por Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin e executado pela Construtora Mello Pedreira em 1957. No amplo terreno da Rua 24 de Outubro situado no coração do bairro Auxiliadora (próximo à Igreja e ao terminal da linha de bondes), com frente sul, o edifício agrega programa comercial no térreo e desenvolve-se em duas barras unidas por um volume que abriga a circulação vertical, configurando um partido em forma de “H”, ocupando-o até os seus limites de divisas.

Com estratégia similar à adotada cinco anos antes no Edifício Link, o partido foi dispor em dois corpos transversais ocupando toda a largura do terreno quatro apartamentos de três dormitórios por andar (dois apartamentos no caso do Edifício Link) em placas paralelas unidas por um elemento de circulação vertical que incorpora algumas peças de serviço, numa planta baixa em forma de “H”. Os dois corpos são praticamente simétricos ao longo de um eixo transversal, mas não são simétricos entre si, diferenciando-se em função da



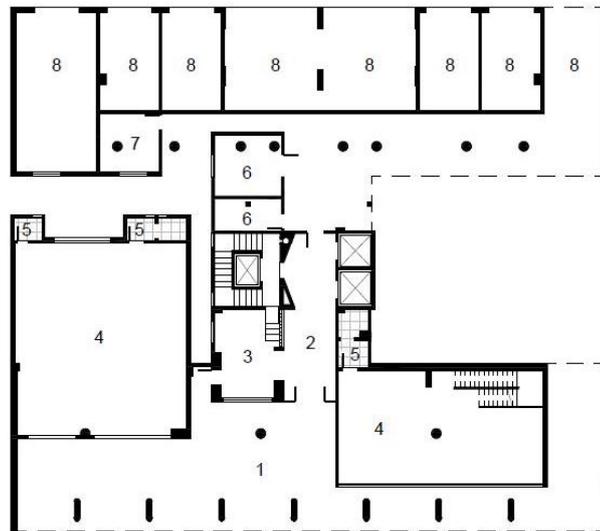
posição (frente e fundos) e orientação (sul e norte) , com dependências principais – duas salas e um ou dois dormitórios – para frente e fundos e dependências de serviço e dormitórios para duas áreas internas de iluminação. Nos apartamentos de frente sul, dois dormitórios, inclusive o principal tipo suite, são voltados para a área de iluminação a norte; nos de fundos, a disposição é inversa, com dois dormitórios (inclusive o principal) para o norte e um para a área de iluminação a sul. São dez pavimentos tipo, com quatro apartamentos de cerca de 140 m² por pavimento, servidos por confortável circulação única dotada de escada e três elevadores, sendo um exclusivamente de serviço. Existe ainda um 11º pavimento composto por dois apartamentos tipo ocupando o bloco da fachada principal e um único apartamento de 280 m² dotado de terraço que ocupa o bloco da fachada posterior.

O pavimento térreo apresenta um apartamento similar aos do pavimento tipo, hall, salão de festas e espaços comerciais voltados para a fachada principal sul. O pilotis frontal neste caso assemelha-se a uma colunata de dupla altura, com os pilares frontais arredondados e revestidos por pastilhas vitrificadas, com o pé direito um pouco maior, configurando uma espécie de galeria que forma um espaço protegido na frente do acesso e das lojas. Ressalte-se que o lote ao lado abrigava à época um cinema (Cine Rival), configurando uma sequência comercial com hierarquia de bairro e valorizando o uso público da arcada.

A fachada principal é organizada por uma grelha quadrangular, definida pela divisão interna das peças principais e pelas lajes dos entrespisos, a mesma solução adotada anteriormente no Edifício Redenção em arranjo com maior complexidade. A grelha ocupa o pequeno balanço frontal, demarcando e proporcionando mais espaço para as peças principais dos dois apartamentos de frente, mas sua composição é marcadamente horizontal. No corpo frontal do prédio, as laterais trazem sequências de janelas de banheiros com molduras. No corpo de fundos o tratamento é mais simplificado, sem a grelha em balanço, apenas marcado pela sequência de janelas das peças principais.



Figura 7: Edifício Nilza Esther, 2019.
Fonte: Imagem produzida pelos autores



EDIFÍCIO NILZA ESTHER
PLANTA BAIXA TÉRREO

1m 5m

- | | |
|-----------------------|--------------|
| 1 - ÁREA DE USO COMUM | 6 - SERVIÇOS |
| 2 - HALL SOCIAL | 7 - DEPÓSITO |
| 3 - PORTARIA | 8 - GARAGENS |
| 4 - LOJA | |
| 5 - LAVABO | |

Figura 8: Planta baixa do térreo, Edifício Nilza Esther.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores



EDIFÍCIO NILZA ESTHER
PLANTA TIPO

1m 5m

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1 - VESTÍBULO | 6 - BANHO |
| 2 - SALA DE ESTAR | 7 - COZINHA |
| 3 - SALA DE JANTAR | 8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 4 - DORMITÓRIO | 9 - ÁREA DE SERVIÇO |
| 5 - CLOSET | |

Figura 9: Planta tipo, Edifício Nilza Esther.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores



O segundo período abordado neste artigo refere-se ao intervalo compreendido pelo Plano Diretor de 1959/61. Esse plano começou a ser gestado a partir de 1954, sendo aprovado preliminarmente como Lei nº 2.046, em 1954, e posteriormente reapresentado de forma consolidada e aprovado como Lei nº 2.330 em 1961, já contemplando sua primeira extensão. O documento que conhecemos hoje como Plano Diretor de Porto Alegre é a edição justificada e comentada da Lei 2.330, lançada em 1964 como “Porto Alegre. Plano Diretor – 1954-1964.”

Em 1964, ao completar dez anos do início da elaboração do Plano Diretor, a Prefeitura fez editar um volume contendo o conjunto de leis, seus instrumentos e dispositivos. Constavam do volume, além da íntegra da Lei nº 2.330, uma série de leis complementares e o Decreto nº 2.872, que acrescia os limites da área descrita no artigo 20 da Lei nº 2.330, estabelecendo o que se convencionou denominar “Extensão A do Plano Diretor”. Durante a década de 1960, novas áreas foram sendo incorporadas ao plano, sempre definidas como Extensões do Plano Diretor, à medida que avançavam em direção à periferia urbana.

Componente do Porto Alegre. Plano Diretor – 1959-1964 está a Lei do Plano Diretor (Lei nº 2.330/61), onde apresenta diversos itens, entre eles os seguintes: zoneamentos de usos, zoneamentos de índices de aproveitamento, zoneamento de percentagens de ocupação e zoneamentos de alturas, sendo este o mais extenso e detalhado, com 15 artigos, onde se previa várias possibilidades de volumetrias e, considerando a variação da largura das ruas, recuos laterais e frontais, relação com construções vizinhas, posição do lote no quarteirão e o incentivo ao uso do térreo em pilotis¹³.

Os edifícios Christofell (1962), Parque Novo (1964) e Sinuelo (1967) são projetados no período de consolidação do primeiro Plano Diretor, inclusive, a capital gaúcha foi vanguarda nesse quesito, foi a primeira cidade brasileira a adotar um plano diretor.

Edifício Christofell (1962)

O Edifício Christofell foi um dos primeiros empreendimentos residenciais regulado pelas diretrizes urbanísticas de inspiração moderna introduzidas pelo Plano Diretor de 1959, esboçando de modo pioneiro a solução do edifício isento das divisas, plenamente isolado no lote. O terreno amplo de frente oeste, levemente elevado em relação ao passeio, está localizado em uma exclusiva travessa em “cul-de-sac” junto à Praça Júlio de Castilhos, em situação análoga à do Edifício Linck de dez anos antes. Atendendo circunstâncias de contexto, nova legislação e encargo para clientela de alto padrão econômico, Bered lança um partido em volumetria prismática com 9 pavimentos sobre pilotis, com dois generosos apartamentos de 250m² por pavimento, todos de frente.

O esquema distributivo zoneia as áreas sociais dos apartamentos para a frente oeste, aproveitando a vista, e o setor íntimo para os fundos, beneficiando-se da orientação nascente. A solução de planta rompe com a ideia do volume puro com uma reentrância na face posterior que aumenta o perímetro e viabiliza a iluminação e ventilação das zonas de

¹³ ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2006. P.220.



serviço no centro, dividindo o volume em dois blocos, quando visto de trás. Para Luccas¹⁴, a reentrância resulta da persistência das pressões contingentes do terreno sobre o edifício: “no equacionamento do arranjo, não houve liberdade para uma solução ideal, restando acomodar o volume recortado à proporção do lote”. Estratégia de compromisso face às novas diretrizes de legislação com obrigação de afastamentos em todas as faces, baixa altura, limite de ocupação e aproveitamento, que conformam o prisma resultante.

Os apartamentos apresentam setorização precisa e elegante, utilizando transparências e painéis vazados para integrar ou dividir os generosos espaços sociais, compostos de vestíbulo, salas de estar e jantar, gabinete e um jardim de inverno, ou sala íntima. Para proteger as áreas envidraçadas da fachada principal do poente, foram utilizadas sacadas e painéis de elementos vazados (cobogós) de louça na cor azul. As sacadas se projetam em balanço com um perfil em “L” cujas laterais envidraçadas acentuam a leitura da forma aplicada, e os planos em cobogós destacam-se sobre a fachada, encobrendo parcialmente as esquadrias de gabinetes e salas de estar, e se contrapõem aos planos cegos revestidos em pastilhas na cor creme. Reforma recente de 2018 eliminou os cobogós, com perda na porosidade e em riqueza de planos na composição da fachada.

O prisma foi definido por grandes planos descontínuos com os pavimentos seccionados pelas faixas das lajes de entrepiso, em marcação horizontal. Luccas¹⁵ destaca que “o conceito de composição aplicado sofria esta mudança sutil, com os volumes constituídos a partir da sobreposição de superfícies segmentadas”. As aberturas horizontais da arquitetura moderna brasileira dos anos 50 foram preteridas por sequências de esquadrias verticais próximas e janelas quadradas de banheiro perfurando os panos cegos, que passam a se incorporar a um repertório renovado.

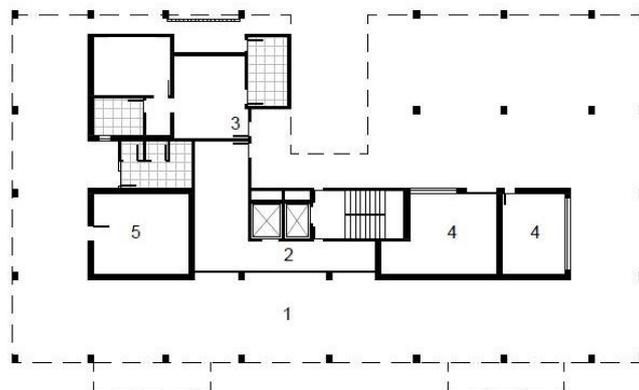
O pavimento térreo em pilotis frontal é predominantemente livre, abrigando hall e circulações, dependências de zelador e equipamentos, playground e jardins, e um pequeno muro de pedra delimita o alinhamento, sugerindo um pequeno pódio para o assentamento do edifício. No subsolo com acesso à direita, localiza-se a garagem, com duas vagas e um depósito por apartamento. O projeto recebeu a medalha de bronze no II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul em 1962, reconhecendo e premiando o talento de Bered em lidar com as novas condições de legislação e mercado do período.



Figura 10: Edifício Christoffel, 2019.
Fonte: Imagem produzida pelos autores

¹⁴ Ver nota 7, p. 294.

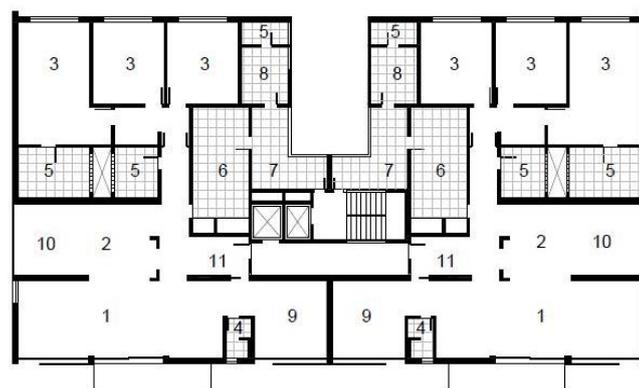
¹⁵ Ver nota 7, p. 220



EDIFÍCIO CHRISTOFELL
PLANTA BAIXA TÉRREO

- | | |
|-----------------|--------------|
| 1 - ÁREA COMUM | 4 - SERVIÇOS |
| 2 - HALL SOCIAL | 5 - DEPÓSITO |
| 3 - AP ZELADOR | |

Figura 11: Planta baixa do térreo, Edifício Christofell.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores



EDIFÍCIO CHRISTOFELL
PLANTA TIPO

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1 - SALA DE ESTAR | 7 - ÁREA DE SERVIÇO |
| 2 - SALA DE JANTAR | 8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 3 - DORMITÓRIO | 9 - GABINETE |
| 4 - LAVABO | 10 - JARDIM DE INVERNO |
| 5 - BANHO | 11 - VESTÍBULO |
| 6 - COZINHA | |

Figura 12: Planta tipo, Edifício Christofell.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores

Edifício Parque Novo (1964)

O Edifício Parque Novo foi projetado e executado por Emil Achutti Bered e por seu irmão, o engenheiro civil Artur Achutti Bered para atender uma demanda familiar. O edifício projetado para a própria família Bered em um terreno com o Parque Moinhos de Vento à frente, que nos anos de 1960 era um parque novo na cidade.

O edifício desprende-se das divisas, configurando um volume prismático, isolado no lote, sobre pilotis e um térreo semi – ocupado pelo hall de acesso e um pequeno apartamento,



configuram-se 3 pavimentos e compreende mais 3 unidades habitacionais de 170 m², um por pavimento.

A composição formal utiliza a mesma marcação horizontal das lajes de entrepiso presente no Edifício Christofell, entretanto os balcões são visualmente mais leves, com peitoris de vidro sobre um simples balanço de laje.

Todos os apartamentos desfrutam da vista para o parque a partir da área social, voltada para leste. O acesso ao apartamento é por meio de uma área generosa denominada de vestíbulo, fazendo uma referência aos vestíbulos dos antigos casarões da avenida Independência¹⁶, que setoriza a zona pública e a zona íntima do apartamento, constituída de 3 dormitórios, sendo um deles suíte com balcão, além de uma estar/jantar íntimo e as zonas de serviços com acesso independente.



Figura 13: Edifício Parque Novo, 2019.
Fonte: Imagem produzida pelos autores

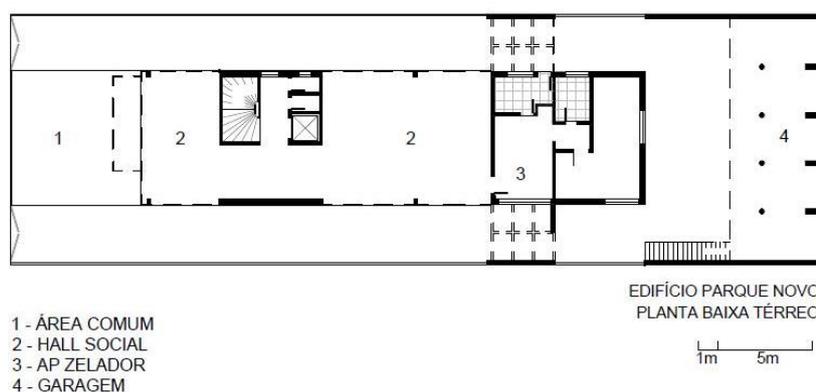
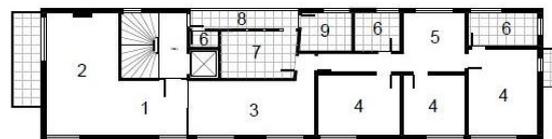


Figura 14: Planta baixa do térreo, Edifício Parque Novo.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores.

¹⁶ LIMA, Raquel Rodrigues. Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. Tese de Doutorado. Porto Alegre: IFCH da PUCRS, 2005. P. 282.



EDIFÍCIO PARQUE NOVO
PLANTA TIPO

1m 5m

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1 - VESTÍBULO | 6 - BANHO |
| 2 - SALA DE ESTAR | 7 - COZINHA |
| 3 - ESTAR / JANTAR | 8 - ÁREA DE SERVIÇO |
| 4 - DORMITÓRIO | 9 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 5 - ESTUDIO | |

Figura 15: Planta tipo, Edifício Parque Novo.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores.

Edifício Sinuelo (1967)

O Edifício Sinuelo situa-se na mesma quadra do Edifício Christofell, seu vizinho de fundos, e foi elaborado por Emil Achutti Bered com execução do engenheiro civil Nicolau Waquil no ano de 1967. Num período em que as diretrizes do Plano Diretor de 1959 já tinham sido plenamente incorporadas, o edifício desenvolve-se afastado das divisas em um terreno frente sudeste, elevado em relação ao passeio da Rua 24 de Outubro. Ocupa uma localização de prestígio, ao lado do Edifício Querência, um dos ícones da arquitetura residencial do bairro Moinhos de Vento.

O volume prismático configurado pela forma e proporção 1x3 do lote abriga 7 pavimentos com um grande apartamento de cerca de 220 m² cada, sobre o pavimento térreo com pilotis elevado, apartamento de zelador, serviços e hall de acesso com circulações verticais. Os recuos laterais do terreno configuram os acessos aos estacionamentos, com rampas dos dois lados. Toda terça médio frontal do edifício é ocupado pela área social, dotada de ampla sala de estar com 40 m² em toda a extensão da fachada, com os dormitórios para a face lateral leste e fundos, onde o dormitório principal é dotado de balcão a norte, e as dependências de serviço e circulações na lateral oeste. O acesso ao apartamento ocorre pelo vestíbulo, localizado próximo à sala de jantar e sala de estar. O espaço destinado à copa determina os limites da setorização dos ambientes íntimo, social e de serviço, mais ou menos ao centro do apartamento.

A composição da fachada principal utiliza uma grelha horizontal de duas faixas em toda a extensão, configurada pela faixa da esquadria contínua da sala e pela faixa de peitoris de alvenaria revestida de pastilhas vitrificadas em mescla azul. Essa grelha é apoiada lateralmente por panos verticais de alvenaria revestidas de pastilhas vitrificadas na cor branca, como grandes painéis estruturais de apoio de tradição brutalista. As laterais do prédio recebem faixas similares de janelas contínuas e peitoris azuis, porém encaixadas no volume, finalizando o pano de fachada lateral e a fundos com um volume opaco de alvenaria perfurado por janelas discretas e pelo balcão profundo do dormitório principal.

No térreo, um muro de arrimo no alinhamento configura o limite do jardim frontal elevado, proporcionando um pódio para o assentamento do prédio e conferindo privacidade ao pilotis. Todo o tratamento formal do volume e das fachadas do edifício são bastante simplificados

em relação ao observado no vizinho Edifício Chistofell, e essa simplificação não está alheia à penetração da arquitetura brutalista de matriz paulista ao longo da década, substituindo a matriz da arquitetura moderna brasileira da escola carioca.



Figura 16: Edifício Sinuelo, 2019.
Fonte: Imagem produzida pelos autores



Figura 17: Planta baixa do térreo, Edifício Sinuelo.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores.



- | | |
|---------------------|------------------------------|
| 1 - SALA DE ESTAR | 6 - COZINHA |
| 2 - SALA DE JANTAR | 7 - ÁREA DE SERVIÇO |
| 3 - ESTAR / COMEDOR | 8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA |
| 4 - DORMITÓRIO | 9 - DISPENSA |
| 5 - BANHO | |

Figura 18: Planta tipo, Edifício Sinuelo.
Fonte: Redesenho produzido pelos autores.

Considerações

O recorte escolhido permite empreender a documentação e análise do processo de geração dos projetos e suas respectivas estratégias, os elementos de composição e de arquitetura utilizados, as circunstâncias de contexto, legislação e encargo, e as relações com o desenvolvimento dos paradigmas disciplinares em cada período. Preliminarmente, podemos apontar a predominância de estratégias de implantação nas divisas em H em terrenos de meio de quadra e em L em terrenos de esquina no primeiro período, e de blocos isolados de planta retangular no segundo, independentemente da situação. Os elementos de arquitetura se encontram em geral regulados por grelhas de fachada no primeiro período, com tendência à horizontalidade, e pela visibilidade lateral no segundo período, o que leva a outras estratégias compositivas e ao uso de novos elementos de arquitetura, como janelas verticais seriadas e montantes verticais aplicados, com abandono da grelha. Possivelmente outras características derivadas das diferentes normas urbanísticas, contextos e paradigmas disciplinares vão aparecer ao longo do desenvolvimento do estudo.

Referências

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006.
- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **A esquina do moderno**. Arqtexto, Porto Alegre, n.5, p.82-97, 204.
- ALMEIDA, Guilherme Essevein de; ALMEIDA, João Gallo de; BUENO, Marcos. **Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.
- BERED, Emil. **Muito Edifício pouca Arquitetura**. Revista O Globo, 1948, p. 46-51.
- COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. **Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.
- DREBES, Fernanda. **O edifício de apartamentos e a arquitetura moderna da escola carioca**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2004.
- FIORE, Renato Holmer (Org.). **Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre**. Porto Alegre: Marcavisual, 2016.

13º Seminário
do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: IFCH da PUCRS, 2005.

LUCAS, Luís H. Haas. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do “gênio artístico nacional”.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2004.

LUCAS, Luís H. Haas. **A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre.** Revista Vitruvius, Arqtextos, São Paulo, n.073.04.jun.2006.

PANIZZI, Wrana; ROVATTI, João (org.). **Estudos Urbanos, Porto Alegre e seu planejamento.** Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993.

PORTO ALEGRE. **Plano Diretor 1954 - 1964.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1964.

STRÖHER, Eneida Ripoll. **A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Proparg/UFRGS, 1997.

STRÖHER, Eneida Ripoll. **EMIL BERED: SEIS EDIFÍCIOS. Uma análise de seis edifícios de arquitetura moderna em Porto Alegre na década de 50.** ArqTexto n.ZERO.

WEIMER, Ginter. **Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957.** Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procepra, 1998.

XAVIER, Alberto (org.). **Arquitetura moderna brasileira - Depoimentos de uma geração.** São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.